

LAZER, COMUNIDADE E UNIVERSIDADE: REGISTRO DE UMA OCUPAÇÃO PACÍFICA - MCSL¹

Cássia Hack – Mestranda/CDS/UFSC²
Márcio Romeu Ribas de Oliveira – Mestrando/CDS/CAPES/UFSC
Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro – Mestrando/CDS/UFSC
Giovani De Lorenzi Pires – Professor/CDS/UFSC

RESUMO

Este estudo torna público uma discussão necessária: a ocupação dos espaços no interior da universidade, em particular, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – e coaduna com a formação do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva. Discute o espaço público e o lazer nos grandes centros urbanos do ponto de vista crítico e se materializa em um artigo visual. Os procedimentos metodológicos são frutos de uma pesquisa descritiva que tem nos aparelhos tecnológicos sua grande matriz, fazendo da imagem uma linguagem científica possível.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Urbano; Lazer; TIC'S

INTRODUÇÃO

Este estudo representa um momento de inquietação acadêmica diante de uma realidade concreta, ou seja, a ocupação dos espaços no interior da universidade, em particular, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Neste aspecto, a partir da formação do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física – NEPEF, do Centro de Desportos da UFSC, tendo como metas a pesquisa e a produção do conhecimento, surge como premissa fundamental para este estudo, **“analisar como a sociedade ocupa espaços públicos – no caso, a UFSC – como alternativa para a vivência de suas experiências lúdicas”**.

Justifica-se essa investigação, tendo em vista que uma grande questão é posta em evidência: a Universidade é um espaço público para as atividades do lazer pela

¹ O Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, usa essa sigla para denominar o fenômeno de ocupação do espaço público universitário pela comunidade, que significa, Movimento Comunitário dos Sem Lazer.

² Todos integrantes do artigo tem como endereço: Observatório da Mídia Esportiva Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Centro de Desportos – CDS, Campus da Trindade – Florianópolis-SC. CEP- 88040-900, Tele:48-331-9926

comunidade, ou um espaço para a produção do conhecimento? Neste sentido, pretende-se dialogar com os que têm uma visão mais elitista sobre a universidade e com os que sentem necessidade de ocupar o espaço da UFSC, expondo assim problema para sociedade que se trata das políticas públicas de lazer nos centros urbanos.

Para Silva (1999), apesar de Florianópolis ter grandes opções de lazer devido a seu aspecto geográfico e sua beleza natural, há um problema que se refere ao clima. Em algumas épocas do ano, as atividades de passeios, trilhas e outros, são impraticáveis, sem contar que essas atividades visam mais aos turistas que aos moradores da “Ilha da Magia”. Outro aspecto exposto pela autora é que, pela proximidade com o mar, seus moradores naturalmente, procurariam opções de lazer junto à essa relação/proximidade com a natureza, e devido a isto, as autoridades não priorizam políticas públicas de lazer para os cidadãos. Diz ainda, que “o crescimento constante da população, a valorização econômica do espaço territorial, assim como, a carência de um planejamento coerente, entre outros, são fatores condicionantes para tornar o espaço urbano, fundamentalmente para a produção, o consumo, para as relações (de compra e venda) e para apenas um segmento social de poder aquisitivo mais elevado” (Silva, 1999, p.220). Esse problema é substancial para nossa investigação e parece-nos de vital importância para que se ponha em debate.

Outro fato que justifica esse estudo é o ocorrido e registrado pela RBS TV³ que mostrava cenas de tráfico de drogas no campus da UFSC, gerando assim repercussão na comunidade e de modo especial na própria Universidade, servindo de pretexto para justificar a Polícia Civil e Militar nas dependências da Instituição⁴. Mas será que se faz necessário uma Polícia ostensiva garantindo a tranquilidade da elite intelectual, enquanto grande parte da população vive desprotegida? Não se pretende aqui responder a este tensionamento, mas, sobretudo, refletir sobre nossas contradições cotidianas.

Portanto, neste estudo se estabelece uma discussão sobre o lazer e o espaço público, configurado num modelo de sociedade capitalista como a nossa. Numa

³ RBS TV – Rede Brasil Sul de Comunicações, rede regional de emissoras de televisão afiliada a Globo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

⁴ Conforme carta circular do Gabinete do Reitor, datada de 2/7/03, enviada aos professores da UFSC.

perspectiva metodológica de investigação que tem como instrumento e síntese as análises dos dados – as imagens – e que se materializa em um artigo visual.

2. O Espaço Público: você quer assistir?

Faz-se necessário, antes de discutir o espaço público, promover uma análise acerca de como se configura a sociedade capitalista e seu modo de produção, metamorfoseando-se nos tempos de hoje e mascarando suas contradições, em que a democratização dos espaços urbanos passa por um compromisso político diante dos problemas sociais e é também um reflexo do modelo econômico capitalista. Neste sentido, More (2000), em sua obra clássica, *Utopia* – publicada em latim pela primeira vez em 1516, já alertava para um projeto de sociedade/cidadania que privilegiasse o ser humano⁵, principalmente por perceber que nova configuração do sistema burguês que se materializava, apresentava mazelas e problemas, e que não era justo com a vida humana. Neste sentido, diz ele:

Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poder jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual a fortuna pública é a presa de punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria (More, 2000, p.49).

Percebe-se que o alerta de Thomas More já destacava as contradições sociais, políticas, econômicas que se configuravam nas cidades. A migração campo-cidade, provocada pela ruína das terras produtivas⁶, levou o camponês a migrar para a cidade e com isso, depender dos sub-trabalhos. Conforme o autor: “Os infelizes abandonam,

⁵ Entendemos que muitos autores debruçam-se sobre esse tema, o que queremos é apontar que em 1516, Thomas More, já expunha para o mundo uma perspectiva de cidadania que vai para além de uma visão linear sobre qualidade de vida. Garantindo, emprego, moradia, saúde, práticas corporais e culturais, ou seja, o direito a vida.

⁶ A metáfora que Thomas More utiliza com os “carneiros”, representa o desequilíbrio numa economia que prevalece a exploração do homem, da terra, dos bens materiais, para a obtenção do dinheiro. A lã então, passa a ser um produto precioso, pois a classe possuidora do dinheiro passa a consumir em quantidade. Um problema crucial é que, com os carneiros, a agricultura (plantio), o solo, são devastados obrigando o camponês a migrar para os centros urbanos (cidades).

chorando, o teto que os viu nascer, o solo que os alimentou, e não encontram abrigo onde refugiar-se. Então vendem a baixo preço o que puderam carregar de seus trastes, mercadoria cujo valor é já bem insignificante. Esgotados esses fracos recursos, que lhe resta? O roubo, e, depois, o enforcamento segundo as regras” (More, 2000, p.30).

Neste contexto, uma pergunta se faz necessário: quem são os “carneiros” de nosso tempo? O período conhecido também como Revolução Industrial provocou uma mudança estrutural no modo de vida dos homens, que marca decisivamente a formação das cidades e dos centros urbanos, provocado pela constituição dos grandes parques industriais. É nesta complexidade que Ianni (2000, p.123 e seguintes), vai dizer que:

muito do que é a sociedade, seja esta nacional ou mundial, desenvolve e decanta-se na grande cidade (...) Para ela convergem muitas energias da sociedade nacional e mundial (...) é na grande cidade que se pode observar como a máquina do mundo fabrica não só problemas e soluções de todos os tipos, mas também doutrinas e teorias as mais diversas: pragmáticas e críticas, utópicas e nostálgicas (...)a cidade está sempre relacionada à civilização. É na cidade que se polarizam e decantam muitas realizações de uns e outros, indivíduos e coletividade, nações e nacionalidades, gregos e troianos, civilizados e bárbaros (...) juntamente com a urbanização, o mercado, o dinheiro, o direito e a política, bem como com a secularização, a individualização e a racionalização, aí também florescem a arte, a ciência, e a filosofia.

Estas polarizações e conflitos que se configuram nos centros urbanos, aqui tensionados, servem para entendermos que, ao discutir a ocupação de um espaço público (universidade), não se está descontextualizado da estrutura sócio-econômica e política e conseqüentemente, histórica, do modelo de sociedade em que vivemos. Nesta perspectiva para Rolnik (2000), a relação do lazer com a cidade confronta-se com conceitos antagônicos sobre o uso do solo urbano, dos modos de promoção da qualidade de vida, do modelo de cidade que construímos, onde prevalece a idéia de lazer como um privilégio de consumo real de prazer, resumindo-se a cidade a uma simples via de acesso.

A grande cidade, como explicita Ianni (2000, p.131), é sempre um vasto laboratório de experimentos, exercícios, realizações e ilusões, se focalizamos as artes, as ciências e a filosofia. Aí se cria o clima de isenção e liberdade, tanto quanto de compromisso e gratuidade, no qual podem florescer as mensagens da modernidade e

os desafios para a modernidade. É neste contexto e com esse olhar, que penetramos nos conflitos e contradições pelo espaço público(?) da universidade na busca do lazer, no cotidiano, em contraponto àquele cada vez mais imagético e virtual, onde ou as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) se configuram, como nas metáforas de George Orwell – 1984 – e Aldous Huxley – Admirável Mundo Novo – com seu Big Brother⁷ e sua Soma, respectivamente, no sentido de que o real e o imaginário se confundem, numa relação híbrida, onde cada um é independente de si. Desse modo, a imagem e a velocidade da informação se tornam imperativo de nossa sociedade.

(...) a viagem transcorreu sem nenhum incidente. O FOGUETE AZUL DO PACÍFICO chegou a New Orleans, com dois minutos e meio de atraso, perdeu quatro minutos em um tornado sobre o Texas mas, encontrando uma corrente aérea favorável na longitude de 95 graus oeste, pôde chegar a Santa Fé apenas 40 segundos fora do horário (Huxley, 2002, p.121).

Esta passagem do Admirável Mundo Novo nos remete a uma reflexão no sentido de que as relações de espaço e tempo, mesmo numa dimensão futurista, acontecem para atender a uma lógica, em nossa sociedade, de consumo. A Indústria Cultural, como alerta Pires (2002), através de seu principal agente, a televisão, reduz a complexidade da realidade para facilitar a compreensão e promover adaptação automática ao seu ritmo e linguagem, favorecendo assim, ao consumo dos bens culturais que disponibiliza simbólica e concretamente. Nesta perspectiva também, a relação entre individualização e socialização mediada gera contradições do tipo de publicizar a vida privada, caso específico dos *reality shows* e que acelera a comercialização a partir da indústria tecnológica do entretenimento, que cria padrões e esquemas de comportamento social relativamente homogêneos – música, roupa, bebidas e até estilo de vida. Neste sentido, a velocidade de informação que se manifesta em nosso tempo, aponta para uma nova forma de lazer, em que a noção de espaço e tempo está determinada pelos aparelhos das TIC's – Vídeo games, Computadores e internet. Se, do ponto de vista tecnológico, parece que os problemas acabaram, na interação social, ao contrário, deparamo-nos com as contradições da oportunização do lazer, nos grandes centros urbanos, percebendo então, um

⁷ Essas expressões utilizadas nestas obras, reporta-nos para os conceitos de sociedade sob controle e alienada que ao nosso ver, não estão tão distantes de nosso tempo.

prolongamento da perspectiva mediada pela televisão, ou seja, a privatização no sentido comercial, dos espaços públicos, como a Universidade, por exemplo. Silva (1994) já levantava como problema o conflito de como superar as barreiras que impedem a participação da população de Florianópolis, principalmente a de baixa renda, aos bens culturais do lazer compreendidos enquanto espaços e equipamentos (quadras, piscinas, praças, ginásios esportivos, salões de exposição, trilhas para jogging, etc), até por que esses espaços se localizam em áreas nobres da cidade. Neste aspecto, a preocupação do autor, antes de tudo, aponta-nos para as questões sócio-espaciais e políticas, como a concentração da terra, a expulsão dos camponeses, a proletarianização de grande parte destes agricultores, o inchaço das cidades, o desemprego, a concentração de riqueza, questões do cotidiano que, se não fossem inscritos em nosso tempo atual, parecería-nos rever as palavras de Thomas More.

Não podemos nos esquivar frente a essas contradições de nosso tempo - como já alertava o saudoso Milton Santos - que envolve a vida humana e que é reflexo do monopólio do dinheiro e da informação sendo que, o progresso técnico ainda está longe de ser socializado, pois se concentra nas mãos de um pequeno grupo privilegiado no Brasil⁸. Com certeza, o fato do mundo estar mais perto se deve ao avanço tecnológico da informação e, com isso, o cotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, seja uma tele-tela, seja um e-mail, possibilidades oriundas dessa nova globalização, que embora veja no dinheiro e no lucro seu grande fim, abre perspectivas de mudanças, pois acreditamos não ser irreversível.

Agora que estamos descobrindo o sentido de nossa presença no planeta, pode-se dizer que uma história universal verdadeiramente humana está, finalmente, começando. A mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. Basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestão: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana (Santos, 2000, p.174).

3. A Imagem Como Metodologia

⁸ Em artigo publicado pela Revista Isto É, de 16/07/2003, Alves Filho aponta que o Brasil continua atolado no problema da concentração/distribuição de riqueza/renda, indicando que ele fica na 6ª pior colocação, superado apenas pelos países paupérrimos das nações africanas – Nâmbia, Botswana e Serra Leoa.

O campo que investigamos é o da passagem e da ocupação do espaço pelas pessoas vivas, que freqüentam o campus da Universidade. No caso específico do nosso estudo, essas considerações sobre as passagens se materializam nas situações que são captadas pela máquina fotográfica e pela filmadora. É pelo campus da Universidade que transitam estudantes, pessoas da comunidade, trabalhadores do serviço público, em busca de lazer e conhecimento, subvertendo uma lógica de que o espaço da universidade seja apenas daqueles que estudam ou trabalham nela. É no campus que a sociedade caminha, joga futebol, ensaia suas revoluções, canta, ouve música, corre enfim, vive. É nesse cenário que as imagens da ocupação do campus se materializam e assim construímos o artigo visual.

Neste contexto, a imagem na construção da pesquisa faz-se como um roteiro, no qual os pesquisadores se preocupam com a captação das imagens. Essas imagens recolhidas da realidade têm tanto um tom de demonstrar o que se passa nos caminhos de passagens do campus da Universidade, quanto de aproximar os pesquisadores ao conhecimento dessas novas possibilidades na pesquisa qualitativa.

Esse olhar com a técnica possibilita um novo olhar, se assim podemos falar, talvez um olhar que seja rememorado mais vezes, visto e revisto. Essas possibilidades das novas Tecnologias de Comunicação e Informação, nos parecem interessantes, não como deslumbramento, mas sim como aproximação das pessoas vivas com as imagens da realidade, que podem contribuir para entendermos a questão espacial e a ocupação das cidades. O espaço público dos cidadãos de Florianópolis, por exemplo, tem caráter restrito devido a sua geografia, o que favorece a proliferação de espaços privados de lazer, como *Shopping Centers* e supermercados.

Na contemporaneidade, é lugar-comum mencionar a grande quantidade de imagens que norteiam o mundo moderno; é do mundo imagético que surgem, a todo momento, inúmeras formas de interpretar a realidade; na maioria das vezes, essas imagens nos passam despercebidas ou então são descartadas, enquanto uma forma de produzir e disseminar o conhecimento. “É que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos e materiais” (LOIZOS, 2002, p. 137).

A utilização desses materiais enquanto elemento viabilizador da produção do conhecimento na pesquisa, tanto como de dados, mas também como síntese da pesquisa, articulam-se num processo dialético. Enquanto método para a coleta de dados e também como análise da realidade.

Para LOIZOS (2002), a interpretação das imagens captadas deve se preocupar com as presenças e ausências contidas na imagem visual. Dessa forma, a interpretação da narrativa requer uma atenção redobrada na atitude de olhar a realidade. Portanto, é nesse caminho que vemos como possível articular novas formas de produzir e disseminar o conhecimento sobre o lazer e a vida cotidiana, utilizando novas linguagens que possam contribuir para os (des)entendimentos acerca da realidade concreta.

Dentro dos modelos tradicionais de pesquisas, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, tendo como instrumento complementar de investigação, a entrevista semi-estruturada. Fundamentalmente, os recursos utilizados foram a filmadora e a máquina fotográfica, que substanciaram a formulação de um artigo visual.

4. Considerações Atuais: Sorria, você está sendo filmado!

A Universidade pública, por uma visão elitista e tradicional, tem seu espaço constituído para produção e veiculação do conhecimento e não como um espaço de lazer. No entanto, contraditoriamente, percebemos uma ocupação pacífica, pela comunidade circunvizinha. A ausência ou degradação/privatização dos espaços públicos conduzem-nos a depararmos com esta contradição, para nós, desejável. Assim, vemos diariamente, como diria Gonzaguinha, “(...) todos tipos gente (...)”, no futebol, no tênis, nas quadras, gramados, bosques, com seus cachorros, tocando violão, crianças de bicicletas, etc. Durante nossa investigação, percebemos que os sujeitos que aqui frequentam vêm de vários cantos da cidade e relatam que, na maioria dos casos, em seus bairros não há uma estrutura para atividades de lazer adequada e pública e por isso, o espaço universitário torna-se crucial e importante, principalmente pelas suas condições estruturais e espaciais.

Esperamos que as imagens⁹ falem mais do que a nossa tentativa de expor a experiência.

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte (...)”, a gente quer optar por outra forma de escrever, de expressar-se, de interagir, de produzir conhecimento, de subverter a linguagem (Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/ CDS/NEPEF/UFSC, 2003).

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. Retrato do Brasil. In: **Revista Isto É**, 16/07/2003.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2002.
- IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORE, Thomas. **A Utopia**. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Nacional, 1996.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. Aspectos socioculturais do lazer na vida cotidiana. In BURGOS, Miria Suzana e PINTO, Leila Mirtes de Magalhães (orgs.). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: **Lazer numa sociedade globalizada**: São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVA, Anelise da. **Espaços urbanos públicos de lazer no município de Florianópolis**: o que pensam seus administradores. XVIII Simpósio Nacional de Educação Física – Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer. 1999.
- SILVA, Maurício Roberto da. Democratização dos espaços urbanos para o lazer na cidade de Florianópolis. **Revista Motrivivência**, ano V, nº 5,6,7, Florianópolis, 1994.

⁹ Vídeo produzido, encontra-se a disposição pública dos interessados no Observatório da Mídia Esportiva, no Centro de Desportos, no Nepef, na Universidade Federal de Santa Catarina.